

MULHERES MÃES TRABALHADORAS NA PANDEMIA DE COVID-19: PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM JORNAIS E REVISTAS ONLINE ¹

Carin Klein²

Maria Cláudia Dal'Igna³

Maria Simone Schwengber⁴

Resumo: Este artigo examina os sentidos de feminilidades, maternidades e trabalho produzidos e veiculados em jornais e revistas online em 2020, durante a pandemia de Covid-19. Busca apoio teórico e metodológico nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais, na perspectiva pós-estruturalista. As reportagens analisadas seguem duas direções principais. De um lado, visibilizam a sobrecarga de trabalho – como a originada por atividades domésticas e reprodutivas tidas como próprias do feminino, sem colocar em xeque as desigualdades de gênero, classe e raça, entre outras. De outro, expõem, reivindicam e/ou investem na ampliação das redes de apoio, diante do aprofundamento das desigualdades sociais vivenciadas por meio da maternidade.

Palavras-chave: Mulher; Maternidade; Trabalho; Pandemia de Covid-19; Mídia.

Working mothers in covid-19 pandemics: production of meanings in online newspapers and magazines

Abstract: This paper examines meanings of femininities, motherhoods and work, produced and spread on online newspapers and magazines along the Covid-19 pandemics in 2020. Theoretically and methodologically, it is grounded on the fields of Gender Studies and Cultural Studies, from the post-structuralist perspective. The reports analyzed follow two main directions. On the one hand, they highlight the work burden – such as that caused by household chores and reproductive role, regarded as inherently feminine, without problematizing gender, class, and race inequalities, among others. On the other hand, they evidence, claim for and/or invest in the expansion of support networks, in the face of increasing social inequalities experienced in motherhood.

Keywords: Woman; Motherhood; Work; Covid-19 Pandemics; Media.

¹ As autoras agradecem às valiosas sugestões feitas pela professora Catharina Silveira.

² Universidade Luterana do Brasil (carinklein31@gmail.com)

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (mcdaligna@hotmail.com)

⁴ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (simone@unijui.edu.br)

INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, vivemos um processo de reclusão complexo, dramático e forçado. Estamos exauridas e exauridos por um tempo estendido de pandemia e de isolamento físico que nos afasta das pessoas que amamos, nos confronta todos os dias com a morte e ameaça nossas vidas. O número de mortes, o aumento de todas as formas de violência e o agravamento das desigualdades podem nos fazer pensar sobre os impactos globais mais amplos da pandemia de Covid-19. Como exemplos, podemos citar o cancelamento das aulas presenciais nas escolas e universidades de todo o país, a transposição das atividades escolares presenciais para a modalidade de ensino remoto, a configuração e o fortalecimento do chamado *home office*, o fechamento de parte das atividades de comércio consideradas não essenciais e a restrição ou proibição do funcionamento de locais de convívio comunitário, do transporte público e de outros espaços onde pode ocorrer aglomeração de pessoas.

Essas e outras medidas de contenção e redução das taxas de transmissão de Covid-19 produziram e produzem efeitos nas vidas das comunidades que também podem ser observados de outros modos. No campo da Educação, podem-se destacar o fechamento de escolas de educação infantil privadas ou conveniadas, a extinção de projetos culturais e educativos, o aumento das taxas de desemprego entre profissionais da educação, especialmente entre as professoras e professores, para citar alguns exemplos. Se aqui focalizarmos as mulheres, mães e trabalhadoras em tempos de pandemia e considerarmos marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça/etnia e estratos socioeconômicos, entre outros, poderemos complexificar ainda mais nossas análises dos impactos produzidos pela pandemia.

Este é o foco deste artigo. Argumentamos que as mulheres mães trabalhadoras acumulam funções e responsabilidades ao necessitarem conciliar e cumprir satisfatoriamente um conjunto amplo de atividades relacionadas ao trabalho doméstico, cuidado e educação das crianças, trabalho profissional e sustento familiar. Defendemos que essa sobrecarga vivida pelas mulheres hoje é anterior à pandemia, que a multiplica. Em outras palavras, podemos perceber que desigualdades sociais têm sido reiteradas e aprofundadas durante a pandemia, tanto entre homens e mulheres, quanto entre as próprias mulheres. Ressaltamos e examinamos também algumas iniciativas importantes que buscam ampliar as redes de apoio, solidariedade, trabalho e renda; com o objetivo de atenuar essas desigualdades.

Para desenvolvermos esta analítica, tomamos como material empírico reportagens de jornais e revistas *online* veiculadas no ano de 2020⁵ que abordam o tema das mulheres (que são mães e trabalham) em tempos de pandemia. As perguntas orientadoras do processo de análise são: *que sentidos sobre maternidade (e paternidade) estão sendo produzidos e veiculados nos materiais examinados? De que formas gênero pode atravessar e constituir as experiências de homens e mulheres, mães e pais, mas também de mulheres mães de diferentes estratos sociais? Que possíveis saídas são indicadas nos materiais para exercer a maternidade em tempos de pandemia (e depois)? Esses sentidos identificados e analisados contribuem para manter, reduzir, aprofundar e/ou modificar as desigualdades de gênero?*

Buscamos apoio teórico e metodológico nos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, em articulação com a perspectiva pós-estruturalista. Assumimos gênero, cultura, linguagem e discurso como ferramentas conceituais, principalmente por possibilitarem compreender e problematizar as dinâmicas de produção de sentido sobre feminilidades e maternidades nos processos de comunicação midiática.

Nossa concepção de feminino e de maternidade não está colada às características anatômicas ou fisiológicas dos corpos. Interessam-nos os processos discursivos e constitutivos que descrevem, nomeiam, associam, valorizam e distinguem o que “pertence” ao feminino e ao masculino, bem como ao exercício da maternidade e da paternidade.

Ao operarmos com os conceitos de gênero (SCOTT, Joan, 1995; MEYER, Dagmar 2003), cultura (HALL, Stuart, 1997a, 1997b), linguagem (WITTGENSTEIN, Ludwig, 1991) e discurso (FOUCAULT, Michel, 2000, 2004)⁶, rejeitamos e problematizamos noções essencialistas e universais de homem/mulher e de paternidade/maternidade. Operando com esse pressuposto, é possível argumentar que, no interior de diferentes processos sociais, culturais e educativos, os indivíduos são transformados em – aprendem a reconhecer-se como – homens e mulheres, pais e mães. Examinamos, ainda, os processos de diferenciação que permitem classificar, hierarquizar e posicionar sujeitos. Estamos propondo, assim, problematizar a naturalização de comportamentos, de

⁵ Mais adiante, apresentamos um quadro com o detalhamento das reportagens analisadas.

⁶ Com base em um princípio ético, político e acadêmico, sustentado pelos estudos de gênero e feministas, adotamos o uso de nome e sobrenome do/a autor/a quando este/a é citado/a pela primeira vez no corpo do texto, como forma de dar maior visibilidade a homens e mulheres a quem nos referimos neste artigo.

sentimentos e de determinadas tarefas desempenhadas por mulheres e/ou homens, as quais podem configurar suas vidas de maneiras muito distintas. Isso implica também levar em conta que as feminilidades e masculinidades, tanto quanto as maternidades e paternidades, são produzidas em uma articulação de gênero com outros marcadores sociais. Esses processos “[...] não [são] linear[es], progressivo[s] ou harmônico[s] e também nunca [estão] finalizado[s] ou completo[s].” (MEYER, 2003, p. 16).

Este artigo não propõe soluções imediatas e contundentes para problemas que consideramos complexos e estruturais, e que incidem sobre a sociedade contemporânea. Interessa-nos a análise de aspectos da vida pública, mas também da vida privada, indicando os processos constitutivos de feminilidades e maternidades, tal como são exercidas por grande parte da sociedade brasileira, agora afetada pela pandemia.

Nossos textos acadêmicos certamente apontarão para nossos propósitos políticos; na verdade, parece-me quase impossível não fazê-lo. [...] Nada é inocente, desde a escolha do objeto, das questões, dos procedimentos investigativos até, obviamente, as formas que utilizamos para dizer de tudo isso. Mas, ainda que nossas pesquisas e nossa comunicação acadêmica se mostrem marcadas por nossos propósitos políticos (e elas não podem deixar de estar marcadas), elas teriam de evitar o tom panfletário. Esse tom pouco nos ajuda. O panfleto é, por suas características, um texto sensacionalista, [frequentemente] violento e breve e cujo objetivo máximo é o impacto; por vezes, a exaltação à luta imediata. Os compromissos – e, [consequentemente], o tom – do texto acadêmico parecem ser de outra ordem. O equilíbrio entre disposição política e militância é, portanto, difícil, delicado, mas necessário. (LOURO, Guacira, 2007, p. 212).

Torna-se política esta discussão na medida em que incide na configuração dos modos de vida dos sujeitos implicados, nas classificações, valorações, hierarquias e desigualdades que nos tornamos capazes de problematizar.

Nosso “lugar de fala”⁷, compreendido aqui como posição discursiva e localização social, possibilita-nos viver experiências como mulheres mães trabalhadoras no contexto desta pandemia, envolvidas com distintas formas de

7 A ideia de “lugar de fala” está ancorada nos campos teóricos que fundamentam nossa argumentação, referidos na introdução deste artigo. Buscamos apoio, ainda, em reflexões advindas do movimento negro feminista e relacionadas às políticas identitárias. No Brasil, pode-se encontrar uma análise do tema na obra de Djamila Ribeiro (2017).

cuidado de nossos filhos e filhas, de nossas mães e pais, e ao mesmo tempo exercitar a crítica para suspeitar de nossas próprias ações e pensamentos. Entendemos, ainda, que de nosso lugar de mulheres brancas cis, não podemos dar conta das vidas de todas as mulheres, por suas complexidades e singularidades. O que queremos fazer é assumir nossa responsabilidade ética e política como mulheres professoras e pesquisadoras, entendendo que nossos modos de conhecer e de produzir conhecimento estão implicados em relações de poder, que certos modos de existência estão invisibilizados por regimes discursivos e que é nosso trabalho identificar, descrever e analisar certos enunciados constituídos como verdadeiros e em circulação em nossa época, em especial, enunciados relacionados à proposição de determinados modos de existência para a vida de mulheres e homens, mães e pais, trabalhadores do nosso país.

“A MULHER QUE NÃO TRABALHA?”

Aqui, buscamos problematizar a naturalização das duplas e/ou triplas jornadas de trabalho das mulheres, postas antes mesmo da pandemia de Covid-19. Para isso, utilizamos uma obra de arte criada em 2016 por um jovem indiano chamado Anujath Sindhu Vinayal (Figura 1). A obra ganhou visibilidade após ser utilizada em Kerala, como capa do documento *Orçamento de Gênero e Infância de 2020-2021*.

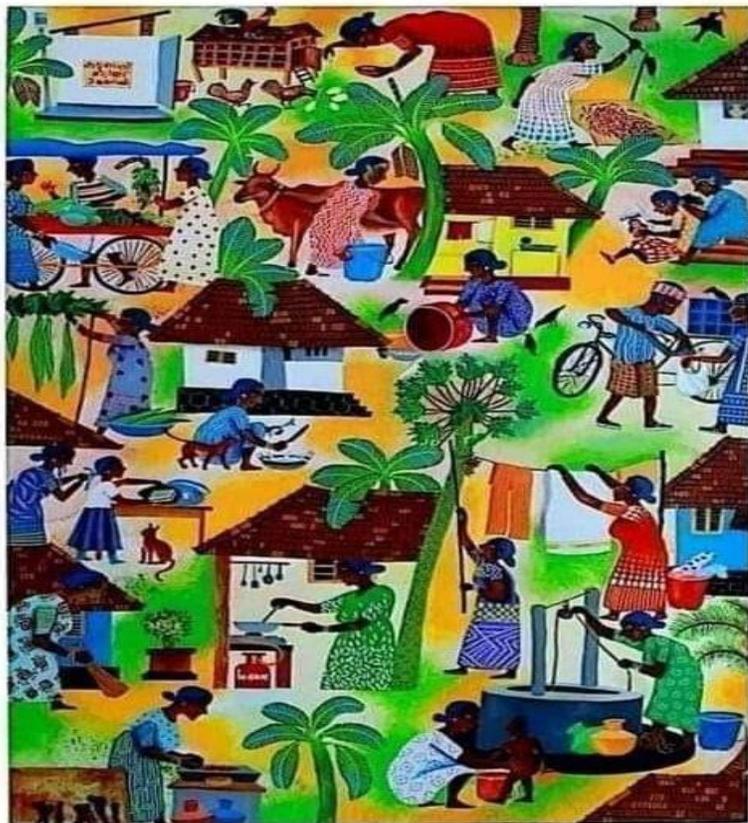
A obra, intitulada *A mulher que não trabalha*⁸, possibilita fazer referência a um enunciado ainda recorrente na cultura contemporânea, principalmente quando caracterizamos o trabalho doméstico, não remunerado, como um atributo natural do feminino. Utilizamos esse enunciado para intitular esta seção, acrescido de uma interrogação, justamente para colocarmos em suspenso a reiteração de um pressuposto de gênero que naturaliza o trabalho doméstico e os cuidados com a família como atividades próprias das mulheres e das mulheres mães. Julgamos pertinente interrogar as histórias acerca da maternidade, seus percursos e normativas, a fim de problematizá-las, evidenciando o caráter dinâmico e produtivo das concepções de feminino e de maternidade, assim como fez o jovem autor em sua obra de arte.

Ao observarmos a imagem, logo é possível localizar uma série de cenas, em que diferentes mulheres aparecem realizando uma variedade de trabalhos. O

8 Em algumas reportagens Anujath explica que a obra se chamava originalmente “Minha mãe e as mães do meu bairro”.

jovem autor diz que produziu tal obra como um modo de homenagear a sua mãe e outras mulheres que vivem na sua comunidade, em Kunduvvara, no estado de Kerala, na Índia.

Figura 1: The woman who does NOT work



Fonte: Gender and Child Budget in India 2020-21

Observando atentamente a pintura, vemos o registro de 19 mulheres, “[...] com seus rostos, trajes e o conjunto dos diferentes afazeres que representam as mulheres-mães de qualquer lugar do mundo, que trabalham incansáveis desde o raiar do dia até tarde da noite”, como declarou o autor da pintura ao *site* ONU-Índia (2020). As atividades laborais representadas na imagem são muitas, tais

como: o preparo e a distribuição dos alimentos, o que acalma a fome de quase todos, inclusive dos animais; o cuidado com as roupas e com as frutas; a limpeza da louça, da casa, do jardim, do quintal; a brincadeira e o cuidado com as crianças. Muitas mulheres, na atualidade, além de realizarem os afazeres domésticos, mantêm uma atividade profissional remunerada, o que configura uma jornada dupla ou tripla exaustiva que muitas vezes não é reconhecida – ao contrário, segue invisibilizada e naturalizada.

A arte em destaque expõe esse cenário e provoca-nos a problematizar, neste artigo, aquilo que muitas autoras feministas, em suas pesquisas e produções acadêmicas, nomeiam como “divisão sexual do trabalho”. Pesquisas das autoras Cristina Bruschini (1994, 2006), Helena Hirata (1995, 2015), Hirata e Daniele Kergoat (2007) e Natália Fontoura, Clara Araújo, Maria Barajas *et al.* (2016) permitem-nos problematizar alguns dos modos pelos quais mulheres são historicamente e socialmente tidas como responsáveis pelo trabalho reprodutivo e as formas como isso impacta suas vidas na dimensão pessoal (distribuição de tarefas domésticas e de cuidado), bem como no acesso e nas oportunidades de formação acadêmica e de ascensão profissional. No mundo globalizado contemporâneo, demandam-se novas formas de organização do trabalho produtivo, provocando mudanças que forçam a abertura de novos postos de trabalho – trabalho chamado de flexível, trabalho em tempo parcial, contratos informais e outras formas alternativas precárias, marcadas pela desarticulação dos modos tradicionais de trabalho.

Silvia Federici (2018), em seu estudo, examina as formas de exploração das mulheres e do trabalho doméstico vinculadas aos sistemas colonialista e capitalista. Trata-se, segundo a autora, de um modo de governar que propõe acúmulo de capital por meio da associação do trabalho doméstico à natureza feminina.

É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora. [...] como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade

natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta. (FEDERICI, 2018, p. 41-42).

Federici (2018) analisa, ainda, barreiras diárias que as mulheres enfrentam dentro e fora de casa, especialmente para desenvolverem-se no competitivo mundo reconfigurado sob a perspectiva pós-fordista. Pode-se dizer que, a partir do século XX, ocorre uma importante modificação na sociedade brasileira, com a inserção crescente das mulheres como força de trabalho no mercado profissional. Na Contemporaneidade, o crescimento da participação das mulheres pode ser explicado por uma combinação de fatores religiosos, sociais, econômicos e políticos, os quais transformaram, por exemplo, a estrutura produtiva da sociedade e provocaram a queda das taxas de fecundidade. Nas palavras de Federici (2018), entre as principais questões da vida das mulheres na atualidade, estão:

[...] A crise que as mulheres enfrentam tentando conciliar o trabalho pago com a reprodução, o fato de que a reprodução social ainda depende do trabalho não remunerado das mulheres, e o fato de que o trabalho reprodutivo que tinha saído de casa retornou a ela como consequência dos cortes nas assistências à saúde, ao cuidado hospitalar e ao pequeno comércio, além da expansão (mundial) do trabalho doméstico e, acima de tudo, da continuidade da função da casa como um ímã para o trabalho não (ou mal) remunerado. (FEDERICI, 2018, p. 345).

Destacamos que as mulheres têm sido uma importante força no crescimento econômico, mas ainda encontram inúmeras dificuldades em lidar tanto com as organizações tradicionais do trabalho, quanto com as familiares, situação posta antes mesmo da pandemia da Covid-19, como já referimos.

De modo particular, a pandemia tem conferido outros contornos para a maternidade exercida por mulheres que conciliam o trabalho doméstico com o trabalho profissional. Foi e é preciso, hoje, sobrepor as atividades escolares remotas das crianças e jovens, seus cuidados cotidianos e as tarefas domésticas, tudo isso aliado a longos períodos de trabalho *online* dentro de casa e acentuado

pelo controle dessas tarefas e pela exigência de manter a qualidade e a produtividade em tempos de pandemia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), as mulheres constituíam mais de 50% da população brasileira e, em estimativas, representavam 45,3% da população economicamente ativa em 2020. Porém, ao mesmo tempo em que se intensificou no Brasil a entrada das mulheres no mercado de trabalho profissional, a grande maioria delas não deixou de cuidar das dimensões relacionadas ao lar, à família e aos filhos/as.

Em 2018, 147,5 milhões de pessoas de 14 anos ou mais realizaram afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas, seja no próprio domicílio, seja em domicílio de parente. Esse número corresponde a 87,0% da população em idade de trabalhar. Em relação a 2017, quando a taxa de realização era de 86,0%, houve um acréscimo de 3,1 milhões de pessoas. A taxa de realização de afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas era bem maior entre as mulheres (93,0%) do que entre os homens (80,4%). Além disso, as horas semanais gastas pelas mulheres (21,3 horas) nessas atividades eram, em média, quase o dobro das gastas pelos homens (10,9 horas).

Mesmo em situações ocupacionais iguais, as mulheres dedicavam mais horas a afazeres domésticos e cuidado de pessoas do que os homens. Com isso, elas acabaram tendo menos tempo disponível para o trabalho remunerado.

O trabalho profissional em tempos de Covid-19 aconteceu/acontece dentro da cozinha, da sala, do quarto, utilizando-se a mesa e/ou a cama como plataformas de produção. As casas tornam-se espaços produtivos, misturando-se: a escola, a sala de aula, o cuidado, a filial da empresa e/ou do banco, o novo escritório. Para Rogério Almeida (2020, p. 2),

Não há mais fronteiras entre o *domus*, o domínio do lar, e a *ágora*, o lugar da reunião, espaço público de interação das pessoas. A indistinação entre público e privado - há olhos que nos veem pelas câmeras - é correlata à indistinação entre o espaço doméstico e o social: conversamos com os colegas de trabalho na mesma mesa em que almoçamos com os familiares. [...] Não se trata, como pode parecer num primeiro momento, de utilizar a casa *também* para o trabalho, como espaço compartilhado, mas efetivamente de sua colonização pelas forças produtivas, que finalmente passam a ter o controle integral da vida.

E assim o trabalho profissional se desloca do espaço público para o privado do lar. A privacidade do lar transforma-se em um lugar de trabalho e/ou vice-versa, podendo ser, em alguns momentos, impossível dissociar esses espaços e distingui-los, o que afeta frontalmente os tempos que envolvem o trabalho, a realização pessoal, o lazer, o casamento e a criação de filhos e filhas. Desse modo, para uma grande maioria das mulheres, o trabalho deslocou-se para o espaço privado – integrando, dentro de casa, o escritório, a escola, a sala de aula. A casa agora é também local do trabalho externo, do *negócio*, do cumprimento de metas, do estudo, enfim, da produção.

Considerando esses desafios impostos pela pandemia de Covid-19, entre outros que não serão tratados neste artigo⁹, seguimos a analítica apresentando a forma de organização do material empírico produzido para o estudo.

Antes disso, fazemos uma ressalva importante. Admitimos que a maternidade precisa ser examinada de uma perspectiva interseccional, pois o processo de tornar-se mulher mãe trabalhadora é constituído por uma multiplicidade de marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça, classe, geração, entre outros. Porém, por questões de ordem prática, como o limite de páginas deste artigo, o que examinamos aqui sobre as maternidades é resultado da articulação das perguntas orientadoras com o tratamento do material empírico selecionado.

Buscamos por reportagens divulgadas em locais de grande circulação *online*, a partir dos seguintes descritores: *mães e pandemia*. Nossa intenção não foi a de reunir uma totalidade de textos jornalísticos sobre esse tema, mas de delimitar aqueles que possibilitassem realizar a analítica proposta. As 10 reportagens selecionadas que constituem nossa empiria produzem e veiculam um conteúdo que divulga a situação das famílias diante da pandemia, mais especificamente, o impacto da pandemia na maternidade.

9 Alguns estudos podem ser mencionados aqui com o intuito de examinar as distintas implicações da Covid-19 para mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens. Citamos, como exemplos, três estudos a seguir: Como a Pandemia de COVID-19 está afetando a vida de cientistas no Brasil? (PARENT IN SCIENCE, 2020); A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia (GUIZZO, Bianca; MARCELLO, Fabiana; MÜLLER, Fernanda, 2020); Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta (ONU MULHERES, 2020).

O primeiro passo para a organização do material foi a elaboração de um quadro que dispõe as reportagens cronologicamente, mencionando título, autoria, data de publicação, revista/jornal e *link* de acesso.

Quadro 01: Reportagens selecionadas para a análise

Título	Autoria	Data da publicação	Revista/Jornal e <i>link</i> de acesso
Mães na pandemia: três dicas para lidar com a sobrecarga psicológica	Larissa Avilez	28 abr. 2020	A Gazeta https://www.agazeta.com.br/revista-ag/comportamento/maes-na-pandemia-tres-dicas-para- lidar-com-a-sobrecarga-psicologica-0420
Diante da pandemia, mães se desdobram ainda mais para dar conta de família e trabalho	Marina Duarte de Souza	10 mai. 2020	Brasil de Fato https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/diante-da-pandemia-maes-se-desdobram-ainda-mais-para-dar-conta-de-familia-e-trabalho
Elas resistem: como a pandemia impacta a vida das mulheres brasileiras e de onde vêm as múltiplas formas de resiliência	Ana Cláudia Peres	05 jun. 2020	Revista Radis https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/elas-resistem

Mães são as mais impactadas social e psicologicamente pela pandemia	Redação Galileu	2 jun. 2020	Revista Galileu https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/maes-sao-mais-impactadas-social-e-psicologicamente-pela-pandemia.html
Mães na pandemia: 'sinto pânico só de pensar em ficar doente'	Fabíola Perez	26 jun. 2020	R7 https://noticias.r7.com/sao-paulo/maes-na-pandemia-sinto-panico-so-de-pensar-em-ficar-doente-26062020
'Mães estão no limite': famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena	Paula Adamo Idoeta	05 ago. 2020	Da BBC News Brasil em São Paulo https://www.bbc.com/portuguese/geral-53644826
Mães e pandemia: isolamento as deixa mais tristes e estressadas, diz estudo	Nicola Ferreira	14 ago. 2020	Viva Bem UOL https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/14/maes-e-pandemia-isolamento-as-deixa-mais-tristes-e-estressadas-diz-estudo.htm
Os desafios dos pais e mães na pandemia	Luiz Carlos Cabrera	05 set. 2020	Você S/A https://vocesa.abril.com.br/carreira/os-desafios-dos-pais-e-maes-na-pandemia/
Mães cuidam quase 5 vezes mais dos filhos durante home office do que os pais, diz relatório	Maria Laura Saraiva	09 out. 2020	Pais e filhos https://paiefilhos.uol.com.br/familia/maes-cuidam-quase-5-vezes-mais-dos-filhos-durante-home-office-do-que-os-pais-diz-relatorio/
Mães sob pressão	Nathália Carapeços	07 e 08 nov. 2020	Zero Hora https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/maternidade/noticia/2020/11/sobrecarga-na-pandemia-apos-perder-o-emprego-maes-buscam-um-recomeco-profissional-ckh5alg5v005k0170jxid6owr.html

Fonte: Elaborado pelas autoras

O segundo passo que realizamos envolveu a leitura, o estudo dirigido e o tratamento analítico das reportagens, com base nas perguntas orientadoras apresentadas na introdução do artigo, que retomamos aqui: *que sentidos sobre maternidade (e paternidade) estão sendo produzidos e veiculados nos materiais examinados? De que formas gênero pode atravessar e constituir as experiências de homens e mulheres, mães e pais, mas também entre mulheres mães de diferentes estratos sociais? Que possíveis saídas são indicadas nos materiais para exercer a maternidade em tempos de pandemia (e depois)? Esses sentidos identificados e analisados contribuem para manter, reduzir, aprofundar e/ou modificar as desigualdades de gênero?*

A partir desses questionamentos e dos passos metodológicos, organizamos nossa análise em dois eixos. De um lado, selecionamos e examinamos as reportagens que expõem, reivindicam e/ou investem na ampliação das redes de apoio, diante das situações de aprofundamento das desigualdades sociais e de gênero vivenciadas por meio da maternidade. De outro, as reportagens que visibilizam a sobrecarga de afazeres dos quais muitas mulheres necessitam dar conta, mas que ao mesmo tempo naturalizam uma cultura do cuidado e da sobreposição de tarefas tidas como femininas, sem pôr em xeque as desigualdades entre mulheres e homens e entre mulheres e mulheres. Ao final, pode-se ressaltar que tanto as reportagens que propõem rompimentos, quanto as que seguem naturalizando as relações que envolvem o trabalho, o cuidado, a educação e a maternidade, estão ancoradas no pressuposto de gênero como o que permite apenas analisar a construção social de papéis e funções masculinos e femininos.

Essa abordagem remete a uma individualização dos processos de produção de diferenças e desigualdades de gênero e deixa de problematizar como tais diferenças e desigualdades são produzidas no interior das instituições e práticas sociais, as quais são constituídas pelos — e constituintes dos — gêneros. Por isso, procuramos, partir desse ponto, refletir sobre como gênero atravessa e dimensiona os modos de exercer a feminilidade e a maternidade, e como possibilita distinguir as ações direcionadas às mulheres daquelas que focalizam as mães, uma vez que a estas se encontra relacionada, de forma natural, a responsabilidade de assumir tarefas ligadas ao ensino remoto dos filhos e filhas, bem como seus cuidados físicos e emocionais, entre outros, muitas vezes de maneira concomitante com as tarefas domésticas, o trabalho profissional remoto, ou ainda, a situação de desemprego.

MATERNIDADE, CUIDADO E TRABALHO: O QUE ESTÁ CAINDO NO COLO DAS MULHERES?

Iniciamos nossa análise com um grupo de reportagens que expõem, reivindicam e/ou investem na ampliação de propostas diversas, como o reconhecimento do trabalho doméstico e de cuidados não remunerados, além da necessidade de flexibilização das regras e metas de trabalho das mulheres mães por parte de empregadores e empregadoras, assim como de ampliação das redes de apoio, diante do aprofundamento das desigualdades sociais e de gênero. São cinco as reportagens com essa abordagem: “Diante da pandemia, mães se desdobram ainda mais para dar conta de família e trabalho” (SOUZA, 2020); “Mães sob pressão” (CARAPEÇOS, 2020); “Elas resistem: Como a pandemia impacta a vida das mulheres brasileiras e de onde vêm as múltiplas formas de resiliência” (PERES, 2020); “‘Mães estão no limite’: famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena” (IDOETA, 2020); e, por fim, “Mães na pandemia: ‘Sinto pânico só de pensar em ficar doente’.” (PEREZ, 2020).

A primeira reportagem selecionada, “Diante da pandemia, mães se desdobram ainda mais para dar conta de família e trabalho”, foi publicada no Dia das Mães (10/05/2020), no *site* de notícias *Jornal de Fato*. Os relatos das mulheres entrevistadas enfatizam uma rotina considerada extenuante, sobrecarga de trabalho e ainda mais responsabilidades. A socióloga que integra a Sempreviva Organização Feminista (SOF) posiciona-se sobre o tema, como vemos no excerto.

A gente chega na pandemia já com uma situação que todos os indicadores mostram que as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidados. Isso se mostra na jornada de trabalho total, quando junta o remunerado e o não remunerado, que é sempre maior para as mulheres.

[...] Nesse período da quarentena é justamente uma sobrecarga das mulheres, porque uma parte da vida passou a se concentrar nas casas. Então, tudo o que significa dessa relação – da saúde mental e como as coisas vão se desenvolvendo –, mas a gente também tem o concreto de todo dia, da limpeza da casa, de tirar o lixo, de tirar poeira, de lavar as roupas, dar comida junto com a presença em tempo integral das crianças de diferentes idades em casa. (PEREZ, 2020).

A reportagem divulga dados do IBGE de 2019, ou seja, anteriores à pandemia, mostrando que as mulheres já se dedicavam “[...] em média 18,5 horas

semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, na comparação com 10,3 horas semanais gastas nessas atividades pelos homens.” (SOUZA, 2020).

Outras mulheres também falam sobre a sobrecarga de trabalho que as afeta tanto na militância quanto na ajuda em ações, como é o caso da secretária que trabalha na Central de Movimentos Populares (CMP), em São Paulo. Ela conta que precisou mudar-se com a mãe e a filha para a sede da organização para atender as famílias em vulnerabilidade social, acompanhando e fazendo a ponte das arrecadações recebidas para mais de 280 pontos de distribuição do país e em São Paulo. Segunda ela, esse trabalho ocorre a partir da sua identificação e reconhecimento das situações de outras mulheres que, assim como ela, “[...] fazem parte do grupo de 11 milhões de famílias no Brasil compostas por mães solo, segundo o IBGE.” (SOUZA, 2020).

Observa-se o que podemos chamar de “tom feminista”, dado que a reportagem evidencia como privilégio poder contar com o auxílio de avós e/ou outras organizações sociais no Brasil. A própria integrante da organização feminista já referida indica que não podemos naturalizar o que vem ocorrendo na pandemia, em que os afazeres domésticos e o cuidado de filhas e filhos não são considerados como trabalho, além da compreensão de que a divisão do trabalho é algo que deve fazer parte da estrutura da sociedade. Para ela, é tempo de mudanças em que precisamos dar visibilidade para o que vem ocorrendo, a fim de marcar a necessidade de transformação da estrutura social, tanto nas famílias quanto por parte de empregadores e empregadoras. É preciso “[...] trilhar caminhos para o enfrentamento das desigualdades de gênero, classe e raça em face da covid-19.” (SOUZA, 2020).

As “mães solo”, como tratam algumas reportagens examinadas, veiculam as histórias de mulheres mães negras, moradoras de favelas, desempregadas e/ou com empregos informais. Elas necessitam conciliar, diante da pandemia e do confinamento social, o cuidado com filhos e filhas, o trabalho e o sustento da casa. A sobrecarga de trabalho também acompanha profissionais de saúde, profissão em que 70% são mulheres, porcentagem que, no Brasil, sobe para cerca de 85% ao considerarmos as enfermeiras. As profissionais de saúde, em geral, relatam dificuldades de trabalho que se intensificaram com a Covid-19, precisando reformular suas rotinas em casa para dar conta da prevenção e do cuidado da família. Em muitos casos, por estarem na linha de frente, ausentaram-se de suas casas, deixaram filhos e filhas com avós, e seu contato passou a ser por videochamada.

“Mães sob pressão” intitula a reportagem de capa da *Revista Donna*, publicada no *Jornal Zero Hora* (CARAPEÇOS, 2020), trazendo histórias de mulheres que tiveram suas rotinas impactadas pela pandemia. Apreensivas com a necessidade de conciliarem o trabalho em *home office*, reuniões e prazos, além do cuidado das crianças, elas contam sobre os sentimentos de esgotamento, a sobrecarga de trabalho, a redução dos rendimentos e o medo da demissão, destacando a dependência de uma rede de apoio (familiar e da escola) para seguirem trabalhando. Mesmo revezando os cuidados com as avós e companheiros, elas são “[...] 47% mais propensas do que os pais a perderem permanentemente o emprego ou deixarem o cargo durante a pandemia.” (CARAPEÇOS, 2020, p. 6). Sem conseguir conciliar o trabalho remoto, as metas empresariais e as necessidades das crianças, tornar-se empreendedora, aliando a rotina doméstica ao trabalho remunerado em casa, é o que a reportagem traz como possível saída para as mães. Uma das mulheres conta que deixou o magistério para “[...] investir em novos rumos para preservar sua saúde mental, priorizar o tempo com o filho e estabelecer seus próprios horários.” (CARAPEÇOS, 2020, p. 7).

Em meio a pandemia, maternidade, trabalho e futuro, outras ações são estimuladas para a construção desse percurso. No final da reportagem, sugere que as organizações e empresas negociem e criem espaços de conversa com suas colaboradoras, flexibilizando horários, locais e metas, e criando formatos híbridos de trabalho, no sentido de realinhar objetivos sem cobrar o que não é viável, pois já há empresas olhando para esses aspectos. A diretora executiva da *Maternativa* – startup de impacto social que propõe transformar a relação das mães com o trabalho – encerra a reportagem dizendo que há poucas iniciativas, ainda muito localizadas, em termos de igualdade, diversidade e inclusão, salientando que a pouca participação das mulheres e mães no mercado de trabalho produz a redução da renda e o empobrecimento geral da população.

Passado algum tempo da pandemia de Covid-19, escutamos de muitas mulheres: “Estou tendo que me dividir em mil”, “Estou cansada” e/ou “Não estou conseguindo.” Esse pressuposto de cuidado com os outros (e não consigo mesma) integra uma discursividade que regula as mulheres e mães.

Os lares, de um modo geral, como destaca bell hooks¹⁰ (2019, p. 23), são formados por “[...] estruturas patriarcais e machistas.” A autora salienta a

¹⁰ A grafia do nome em letras minúsculas é uma escolha da própria autora

importância de pensarmos o lar como um espaço de resistência, descaracterizando a visão dominante da casa como “doce lar”, reproduzida pelos ideais humanistas românticos, visto que o lar também pode ser (e é) um lugar de produção de precarização da vida de mulheres. É nesse contexto que precisamos refletir sobre os modos como a violência de gênero (toda e qualquer forma que ela puder ter) se acentuou nestes tempos de pandemia, não apenas no Brasil, como também em vários outros países.

Cabe observar que não encontramos reportagens dirigidas aos homens e pais na pandemia. No âmbito dessa discursividade, os homens pais trabalhadores, mesmo em *home office*, continuam sendo narrados como coadjuvantes no cuidado de filhos e filhas. Se, por um lado, as reportagens que analisamos buscam dar visibilidade aos dilemas e desafios vivenciados por muitas mulheres mães trabalhadoras, por outro, as mulheres seguem sendo responsabilizadas pelo cuidado, pois, dos homens, o que se espera é disposição para ajudar. Maria Simone Schwengber e Catharina Silveira (2011), ao examinarem artigos da coluna “Pais” da revista *Pais & Filhos*, também ressaltam a valorização do modelo de “pai presente, amigo, companheiro e marido participante” no processo de educação dos filhos e filhas. As autoras explicam que

[...] as mulheres seguem sendo entendidas como aquelas que são as mais decididas e dinâmicas diante dos cuidados e da educação dos/as filhos/as do casal. A noção da “ajuda” paterna, [...] parece sustentar-se na ideia de que a mulher é biologicamente preparada para a maternidade, como se sua capacidade de ser mãe estivesse sempre adormecida e florescesse durante a gestação. Parece-nos que é esse discurso que coloca o homem no lugar do “não-preparado” ou do “menos preparado” para a experiência de “criar” filhos/as. (SCHWENGBER; SILVEIRA, 2011, p. 97-98).

Se, como estamos argumentando aqui, a maternidade e a paternidade são construtos da linguagem e da cultura, torna-se relevante levar em conta as análises que questionam a posição do homem no processo de cuidado, as hierarquias entre homens e mulheres, e o modo como o homem se relaciona consigo, com filhos e filhas, e com as mulheres.

Karla Belém e Luciene da Silva (2020) investigaram as experiências de mulheres mães do cuidar de crianças com deficiência contaminadas pelo Zika

vírus¹¹. Nessa situação, fortes impactos na vida das mulheres acabam sendo evidenciados, principalmente naquelas vidas conformadas pelas desigualdades de gênero, de classe e de raça. Destacamos para exame, a partir deste estudo, uma discursividade associada à moralidade que responsabiliza as mulheres pelo cuidado das crianças com deficiências, por tempo integral e indefinido, o que reduz e/ou inviabiliza suas possibilidades de conciliar esse cuidado com o trabalho remunerado e de traçar metas e projetos ligados à realização pessoal, causando impacto nos recursos familiares. Tornam-se evidentes, assim, o silenciamento da dimensão do cuidado paterno e a falta de políticas públicas direcionadas à ampliação de redes de apoio para inclusão de pessoas com deficiência. Mais ainda, salta aos olhos a naturalização do sacrifício materno, exemplificado pelas rotinas diárias intensas e solitárias para dar conta dos cuidados e agendas médicas das crianças.

Segundo Meyer *et al.* (2014, p. 900),

[...] o exercício de cuidar de si e dos outros implica a feminização, tanto de conhecimentos e práticas de promoção da inclusão quanto de instituições e sujeitos (profissionais e usuários) nelas implicados (e isso independe do sexo anatômico dos indivíduos envolvidos).

Nesse sentido, a feminização do trabalho profissional e da responsabilização materna necessita ser levada em conta nas análises a partir de uma perspectiva de gênero, na medida em que delimita fundamentalmente a responsabilização feminina para enfrentar e solucionar problemas amplos e estruturais.

A reportagem intitulada “Elas resistem” (PERES, 2020) evidencia o quanto a pandemia de Covid-19 tem impactado a vida de mulheres que moram nas periferias urbanas das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. São mulheres que, diante da pandemia, vêm sofrendo “[...] diferentes impactos e desamparos” (PERES, 2020, p. 26), necessitando cuidar e sustentar sozinhas suas crianças e famílias, além de conviverem com diferentes formas de violência

11 De acordo com Belém e Silva (2020), o Ministério da Saúde declarou, nos anos de 2015-2017, situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, notificando, no período de 2015-2018, no Brasil, 16.900 casos suspeitos, com alterações no crescimento e desenvolvimento relacionados à infecção pelo Zika e outras etiologias infecciosas. Só em 2020, foram notificados 468 casos suspeitos da Síndrome Congênita do Zika vírus (SCZ). Os estados de Pernambuco, Bahia e Paraíba notificaram 58,6% dos casos.

doméstica e urbana. Em comum, nessas trajetórias, está sua vinculação com iniciativas locais, campanhas e projetos sociais, assim como o apoio de outros familiares, sem o qual não teriam como suprir suas demandas, contam elas. Os cadastros dessas mulheres revelam situações precárias: elas buscam cumprir o isolamento físico, mesmo que geralmente habitem em casas de um ou dois cômodos, e inscrevem-se para receber cestas básicas, ajuda financeira e suporte jurídico, psicológico e escolar. Apesar de todas as dificuldades, essas histórias são permeadas por situações de partilha, acolhimento e lutas em defesa da incorporação do recorte de gênero nas políticas públicas em nosso país.

“Mães estão no limite’: famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena” (IDOETA, 2020) e “Mães na pandemia: 'Sinto pânico só de pensar em ficar doente'” (PEREZ, 2020) são reportagens que trazem à tona algumas histórias de mulheres atendidas pelo projeto *Segura a Curva das Mães*¹², criado durante a pandemia. O projeto, que acompanha 1.734 mulheres em situação de vulnerabilidade, constatou que 80% delas necessitam de apoio psicológico com urgência, em razão de problemas que

[...] vão desde estafa – mulheres que estão com seis crianças em casa sem ter comida para dar a elas ou que passaram a aplicar castigo físico nos filhos, dizendo 'não sou de bater, mas não consegui me controlar e agora estou me sentindo mal com isso' – até violência doméstica e baixa autoestima por não conseguirem mais ganhar renda com o que antes vendiam na rua. (IDOETA, 2020).

Com a vulnerabilidade agravada pela pandemia, as mulheres sentem-se ainda mais sozinhas com a histórica invisibilidade do trabalho doméstico, as dificuldades de recebimento do auxílio emergencial e a desestruturação das aldeias que auxiliavam no cuidado com as crianças, relata a reportagem. A divulgação da pesquisa global coordenada pela Ipsos¹³, aponta o abismo na divisão de tarefas não remuneradas, tanto no Brasil quanto em outros 16 países pesquisados. A psicóloga que atende as mães no projeto diz que ela própria,

[...] durante seus atendimentos em casa, colocou uma placa na porta do quarto com os dizeres para o filho: "Fale com o seu pai".

¹² Para maiores informações, ver: <https://seguraacurvadasmaes.org/>.

¹³ Sobre a referida pesquisa, ver o Relatório Brasil 2021: juntos, na saúde e na doença?, elaborado pela Ipsos Brasil Pesquisas de Mercado Ltda (2020). Disponível em:

<https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/publication/documents/2020-12/flair-brasil-2021.pdf>.

Acesso em: 12 jun. 2021.

Isso porque as mães costumam ser as primeiras a serem chamadas para praticamente qualquer coisa. “Isso não acontece à toa: a criança aprende que a mãe é quem está mais disponível. Tem toda uma culpa, uma carga social histórica de que a mulher precisa dar conta e estar disponível em tempo integral. [...] As mulheres são as mais vulneráveis, sendo as principais responsáveis pelo trabalho exaustivo e invisível de cuidar da casa e dos filhos”, prossegue a psicóloga. No ambiente profissional, a maternidade também é muitas vezes invisível – muita mãe tem que fingir que não é mãe no trabalho e fazer de conta (para seus chefes) que não tem de parar o trabalho para ajudar no “homeschooling” ou para fazer o almoço. (IDOETA, 2020).

O alerta que fica, a partir da constatação da intensificação das dificuldades das famílias, em particular das mulheres, está na urgência de ampliar medidas que incluam a proteção social para provedoras de cuidados, uma vez que

[...] seu trabalho é essencial e precisa ser reconhecido, valorizado e, mais importante, apoiado por diferentes medidas, incluindo políticas como proteção social para provedores de cuidados não remunerados e mais acesso a benefícios a famílias e a licenças remuneradas. (IDOETA, 2020).

Enfatizamos que pensar o lar ainda é compreendê-lo como espaço doméstico que se complexifica no cotidiano da pandemia de Covid-19. Trata-se, portanto, de refletir sobre a constituição de uma geografia dos espaços e tempos sob uma perspectiva de gênero. Como dissemos, os impactos produzidos pela reclusão forçada e pelo isolamento físico transformaram o lar, para algumas pessoas, em um “lugar-dentro-de-outro-lugar”, e esse cotidiano da pandemia de Covid-19 trouxe o “lugar de fora para dentro”, borrando-o. Interessante pensar sobre as novas formas e funções de trabalho remoto, sobre esse borramento de espaços (público e privado, trabalho e casa), e a respeito da sobreposição de atividades no contexto da pandemia, em que não podemos distribuir de forma equilibrada, em nossas rotinas, o cuidado com as crianças e jovens, e as tarefas domésticas, por exemplo.

Chama atenção, na reportagem “Mães na pandemia: 'Sinto pânico só de pensar em ficar doente’”, o quanto a maternidade está sendo vivida em meio a dores e preocupações na pandemia. Vejamos algumas das falas que abordam a sobrecarga do trabalho, o sustento da família e o medo de adoecer: “Se eu faltar, quem vai me ajudar? O pai dela está no Paraná, meus pais são idosos. O medo é a pior sensação”; “Tive a sensação de que minha vida estava melhorando quando,

de repente, me senti caindo e com uma criança no colo”; “Às vezes não consigo dormir de tanta preocupação, tenho medo de ser despejada. Dormir vendo meu filho pedir alguma coisa e eu sem poder dar é horrível”; “As mães estão nesse lugar de onipresença que não é real porque trata-se de apenas um corpo, uma mulher, um recurso finito”.

As reportagens intituladas “Mães na pandemia: três dicas para lidar com a sobrecarga psicológica” (AVILEZ, 2020), “Mães são as mais impactadas social e psicologicamente pela pandemia” (GALILEU, 2020), “Mães e pandemia: isolamento as deixa mais tristes e estressadas, diz estudo” (FERREIRA, 2020), “Os desafios dos pais e filhos na pandemia” (CABRERA, 2020) e “Mães cuidam quase 5 vezes mais dos filhos durante home office do que os pais, diz relatório” (SARAIVA, 2020) compõem a discussão nesta seção.

Partimos da compreensão de que as reportagens citadas produzem e veiculam ensinamentos às famílias, mas principalmente às mulheres e mães cis, para que elas consigam exercer e conciliar as demandas de cuidado com filhas e filhos e de trabalho profissional, buscando “lidar com a sobrecarga psicológica” e passar por esse período, considerado “diferente [mas em] que ela precisa fazer tudo 100%”, etc. Duas dessas reportagens utilizam o termo “dicas” para aconselhar e orientar as mulheres e mães sobre formas de lidar com a sobrecarga de trabalho em casa, intensificada durante a pandemia. Vejamos algumas delas:

Uma das dicas da psicóloga do Hospital Vila Santa Catarina é não tratar o dia a dia como se tudo estivesse normal. ‘É importante a mulher saber que estamos no período diferente e que ela precisa fazer tudo 100%. É fundamental dar tempo para o ócio e respeitar o seu limite’.

No cotidiano de Christiane, o momento de relaxamento vem com a prática de exercícios funcionais e corrida. “Quando estou correndo consigo relaxar e, o mais importante de tudo, é que tenho um tempo só meu”, confessa. (FERREIRA, 2020).

Fato é que, com a pandemia e o trabalho em casa, as carreiras de pai ou mãe e de filho ou filha estão sendo testadas e exigindo das pessoas humildade para aprender, resiliência, paciência, capacidade de ouvir, vontade de ensinar e compartilhar e coragem para perdoar. (CABRERA, 2020)

Com a **pandemia do novo coronavírus** a maioria de nós se viu isolada em casa com dois trabalhos para fazer, o **home office** e o cuidado com a família. As duas funções acabaram se misturando durante o expediente e pesando no ombro de alguns,

principalmente das mulheres. É o que mostra o Relatório Anual da Workana: além das tarefas do emprego convencional, 48,5% delas também cuidam dos filhos, enquanto entre os homens esse número é de apenas 11%. (SARAIVA, 2020, grifos da autora).

As três dicas ‘milagrosas’ para as mães: **1º Estabelecer prioridades e flexibilizar demandas:** Converse em casa e veja o que é mais importante. A casa arrumada? Ou uma alimentação saudável? Depois de estabelecer quais são as coisas essenciais, veja como cada um vai contribuir e a que horas isso vai acontecer. **2º Fortalecer vínculos:** Vamos aproveitar esse tempo que estamos mais juntos com nossos filhos. Fazer com que esse momento seja de interação e de criação de vínculos fortes. Assim, quando tudo isso passar, teremos mostrado que essas crianças e adolescentes são amados e respeitados e eles vão ter desenvolvido o amor, o cuidado e o respeito. **3º Cuidar de si própria:** Tire um tempo do dia para praticar pequenos rituais. Não precisa ser nada grandioso. Passe um creme no cabelo ou no corpo, não de forma automática, mas sentindo o perfume, se massageando. Cuidar de si é muito importante. É um momento que estabelecemos cuidado e carinho com nós mesmas. (AVILEZ, 2020, grifos da autora).

As “dicas milagrosas” de cuidados estendem-se do trabalho e da casa para o corpo feminino, aproximando-se de sentidos ligados a informações e orientações úteis, proveitosas e de fácil adesão, a fim de que as mulheres e as famílias passem por esse período, que já dura mais de um ano, conciliando tarefas e tirando proveito de tudo isso, pois, “[...] quando tudo isso passar, teremos mostrado que essas crianças e adolescentes são amados e respeitados e eles vão ter desenvolvido o amor, o cuidado e o respeito.” (AVILEZ, 2020).

Compreendemos que há uma espécie de simplificação dos processos de vida, com dicas e/ou soluções apressadas que, na maioria das vezes, podem ser muito mais complicadas de seguir e operacionalizar. No contexto de várias jornadas de trabalho e de cuidado e exercício da maternidade, torna-se possível ou desejável ter tempo ainda “para cuidar de si própria”, gerenciar e “estabelecer as prioridades e flexibilizar demandas”, realizar “exercícios funcionais e corrida”? Para quem se tornam viáveis tais recomendações? Será que, se as mulheres mães trabalhadoras aderirem a esses ensinamentos, a sobrecarga ficará mais leve? Por que não o compartilhamento ou a ampliação de redes de apoio não são citados? Fala-se em flexibilização das demandas de trabalho no âmbito doméstico, mas não se fala de flexibilização das metas de trabalho profissional. Pondera-se sobre a exaustão, o adoecimento e a capacidade de as mulheres lidarem com muitas atividades ao mesmo tempo, mas não se questionam as insuficiências das

parcerias que deveriam ser formadas entre mulheres mães e homens pais trabalhadores para sustentar o cuidado em tempos de pandemia.

Mesmo que as reportagens sejam dirigidas para grupos diversos, a Covid-19 tem sido algo que aproxima e posiciona sujeitos, principalmente as mulheres mães trabalhadoras, em torno dos processos de sentir, de organizar e de viver a vida, assim como de aprofundar as desigualdades de gênero, raça e classe, entre outras, o que dificulta e/ou impede o acesso de mulheres aos processos de escolarização, formação continuada e trabalho profissional.

Outra dimensão importante a ser explorada consiste na problematização dos conhecimentos e projetos de educação organizados e veiculados no âmbito das políticas públicas brasileiras, como os programas *Bolsa Família* e *Criança Feliz*, direcionados, em especial, às mulheres e mães (KLEIN, 2012; KLEIN; MEYER, 2018; SILVEIRA, 2019). Reiterar e resistir às formas hegemônicas de viver a masculinidade e a feminilidade, bem como desnaturalizar aspectos, funções e atividades relacionadas a elas, certamente pode trazer efeitos importantes para as relações sociais. Ampliar a visibilidade dos homens e pais como cuidadores amorosos que acompanham cotidianamente as vidas de seus filhos e filhas também se torna um exemplo disso. Por isso, consideramos muito importante posicionar a própria mídia como produtora de sentidos, implicada na reiteração e veiculação de um modo de exercer a maternidade e a paternidade que precisamos colocar sob suspeita.

Cabe dizer aqui que a maioria das reportagens é assinada e comentada por mulheres; apenas uma é escrita por um homem, e outra atribui seu conteúdo à redação da revista. Isso pode fazer pensar que as pautas mobilizadas pelas reportagens, como a coerção, o medo, o estresse e a sobrecarga, por exemplo, estão implicados, fundamentalmente, no reconhecimento desses processos naturalizados por mulheres e homens. Dar visibilidade a essas histórias significa reconhecê-las, responsabilizar-se e implicar-se com as vidas de mulheres de diferentes pertencimentos sociais e econômicos, mulheres mães trabalhadoras brancas e negras, cis e trans, mulheres vivendo em situação de extrema pobreza.

Para examinarmos essas formas de precarização e as vulnerabilidades às quais as mulheres estão condicionadas, é preciso compreender, apoiadas em Judith Butler (2017), que existem maneiras desiguais de distribuir vulnerabilidade, ligadas às normas de gênero, que tornam algumas populações mais sujeitas à violência que outras (violência arbitrária do Estado, violência

doméstica e urbana, entre outras). Todo ser humano é vulnerável, e todas as vidas são precárias, pois dependem de certas condições para serem viáveis e sustentáveis (alimentação, moradia, saúde, educação, acesso a direitos e formas de proteção, etc.). Ainda assim, há diferenças entre as vulnerabilidades, há hierarquias construídas discursivamente entre seres humanos, o que faz com que alguns sofram o peso mais que outros. Ao entendermos as estruturas contextuais como jogos de posicionamento e de força, tornamo-nos capazes de compreender como a condição de precariedade é distribuída diferencialmente e como certos pressupostos de gênero e de sexualidade operam para produzir e naturalizar noções de feminino e masculino, maternidade e paternidade, tornando algumas populações mais sujeitas às formas de exploração e às violências.

O corpo [...] é onde encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não ser as nossas. O modo como sou apreendido, e como sou mantido, depende fundamentalmente das redes sociais e políticas em que esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa consideração e esse tratamento possibilitam essa vida ou não tornam essa vida vivível. [...] Infere-se daí, então, que certos tipos de corpo parecerão [mais precários] que outros, dependendo de que versões do corpo, ou da morfologia em geral, apoiam ou endossam a ideia da vida humana digna de proteção, amparo, subsistência e luto. (BUTLER, 2017, p. 85).

Quais vidas são qualificadas como “vidas humanas”? Quais corpos importam e são passíveis de luto, pesar? Na medida em que compreendemos que gênero é uma forma primária de constituição de relações sociais de poder e de dominação (SCOTT, 1995), que é uma maneira de humanizar/desumanizar os indivíduos (BUTLER, 2019), torna-se importante operar com o conceito como ferramenta analítica para examinar uma política reguladora das identidades, produzida interseccionalmente, no cruzamento com raça e classe social, entre outros marcadores sociais, criando formas de manutenção das condutas em torno dos binarismos de gênero e de sexualidade e formas de exclusão e desumanização. Assim, enfatizamos a noção de precariedade da vida humana, que implica, de modo decisivo, a vulnerabilidade - ou fragilidade - da vida do Outro, neste caso, das mulheres.

A realização de um suposto ideal para a maternidade é difícil para todas as mulheres - talvez para as mulheres pobres, ainda mais. Grande parte das mulheres não possui redes de apoio, principalmente no contexto de pandemia, já que, para conter a propagação do vírus, creches e escolas foram fechadas.

Vejamos, por exemplo, o caso de Miguel que caiu de um prédio em Recife, local onde sua mãe, Mirtes, trabalhava. A mãe o deixou com a patroa para passear com uma cachorrinha da família que a empregava (prefeito e primeira-dama de Tamandaré). Segundo a perícia do caso, a criança saiu do apartamento para procurar a mãe, foi até os elevadores do condomínio e acessou o 9º andar. “Miguel seguiu em direção a um corredor e parou na frente da janela da área técnica, escalou um vão e alcançou uma unidade condensadora de ar. [...] A criança escalou as grades, [...] se desequilibrou e caiu.” (MEIRELES, 2020).

O caso de Miguel foi citado e analisado em Relatório do Grupo de Trabalho (GT) da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Pessoas de Descendência Africana, concluído em 21 de agosto, durante a reunião do Conselho de Direitos Humanos, em Genebra, na Suíça "Em alguns casos, não avaliar e mitigar os riscos associados à pandemia da Covid-19 e ao racismo sistêmico tem sido letal. Um exemplo disso foi o trágico falecimento de Miguel Otávio Santana da Silva, uma criança afro-brasileira de 5 anos, no Brasil", afirmou o Grupo de Trabalho, no documento.

O que essa tragédia talvez possa nos mostrar é que Miguel também foi arrancado do colo da mulher mãe trabalhadora que não podia realizar suas atividades profissionais e cuidar do filho ao mesmo tempo. Miguel caiu, ainda, dos nossos colos, por falta de acolhimento e de reconhecimento das necessidades de algumas mulheres e de suas vidas. O luto por Miguel pode nos ensinar a enxergar algumas formas de vida como vidas precárias e dignas de serem vividas em um Brasil que não é cuidador das Infâncias, pois, com a mesma intensidade, joga as responsabilidades no colo unicamente das mulheres mães trabalhadoras e dele lhes arranca as crianças.

É preciso sublinhar que gênero atua como um organizador da cultura e das relações humanas, educando os corpos, indicando quem e de que forma deve exercer o cuidado, os arranjos que envolvem o trabalho remunerado e não remunerado, as formas de amar, ou seja, processos produzidos e sustentados a partir da educação e formação das inteligibilidades. O cuidado, tanto consigo quanto com os outros, torna-se um conceito generificado, pois envolve o acompanhamento das crianças e jovens, a responsabilização pelo apoio nas tarefas escolares, o bem-estar do corpo e da família; convoca as mulheres, ainda, a sustentarem a casa, a atingirem as metas de trabalho e a desenvolverem a aprendizagem das crianças.

Ao mesmo tempo em que as reportagens analisadas dão visibilidade a situações vividas e aprofundadas com a pandemia, narrando dilemas, desigualdades, identificações, pressões, fragilidades e resiliências, também sinalizam a necessidade urgente de incorporar um recorte de gênero nas políticas públicas no Brasil. Além disso, demonstram que é preciso produzir um olhar atento e plural para as estruturas sociais, econômicas e políticas que nos constituem como mulheres e homens de determinados tipos.

Em tempos de pandemia de Covid-19, evidenciar os dilemas e os embates vividos por mulheres mães e homens pais trabalhadores torna-se uma urgência na escola, na universidade, na sala de aula, no escritório, mas também na cozinha, no quarto e nas reuniões familiares. Trata-se de mobilizar mais uma vez o lema feminista “o pessoal é político” para exercitarmos uma leitura crítica das normas instituídas a partir do corpo biológico que ainda têm servido para organizar (e representar) as maternidades e paternidades, a fim de pensar o gênero em seus aspectos ambivalentes e polissêmicos.

Finalizamos nossa escrita retomando a obra de arte produzida a partir do olhar sensível de um jovem indiano, inspirando-nos a também olharmos para as linguagens que nos produzem, cotidianamente, como sujeitos de gênero. A escrita deste texto partiu de uma necessidade conjunta das autoras, sentindo-se tocadas pelo que dizem e escrevem autoras feministas, pelo desejo de problematizar alguns dilemas humanos do nosso tempo, pela filiação a um mesmo tema e a um projeto de pesquisa que herdamos, de que fazemos parte e ao qual desejamos dar continuidade¹⁴. Associamo-nos para manter viva e aberta a capacidade de ler as reportagens (assim como outros artefatos) como as aqui analisadas e de estranhá-las, (des)familiarizando narrativas que podem ser questionadas, localizando verdades construídas, criticando-as e compreendendo seus efeitos diante do exercício do pensamento e da política que nos faz reconhecer que também somos constituídas por elas.

14 Queremos ressaltar aqui uma herança acadêmica da qual somos herdeiras. Trata-se de compreender a herança tal como propõe Jacques Derrida (2004), que a define a partir de uma dupla injunção: é preciso reafirmar o que vem antes de nós e, ao mesmo tempo, manter viva a herança de outra maneira, ressignificando-a. Nessa perspectiva, destacamos a importante parceria acadêmica que estabelecemos com a professora doutora Dagmar Estermann Meyer, desde o início dos anos 2000, primeiro como suas alunas de mestrado e doutorado, e, posteriormente, como colegas de grupo de pesquisa. Aprendemos com a Dagmar, e em seu grupo, a duvidar permanentemente de nossas crenças e de afirmações e objetos naturalizados, a interrogar temas como corpo, maternidade e família. Para maiores detalhes sobre a produção acadêmica deste grupo, ver, por exemplo: Meyer (2006); Meyer *et al.* (2019); Meyer; Dal’Igna; Klein (2021, no prelo).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério. Covid-19, o nascimento de um novo século e os laboratórios sociais. **Jornal da USP**, São Paulo, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid-19-o-nascimento-de-um-novo-seculo-e-os-laboratorios-sociais/>. Acesso em: 22 mai. 2021.

AVILEZ, Larissa. Mães na pandemia: três dicas para lidar com a sobrecarga psicológica. **A Gazeta**. 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/revista-ag/comportamento/maes-na-pandemia-tres-dicas-para- lidar-com-a-sobrecarga-psicologica-0420>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BELÉM, Karla Muniz; SILVA, Luciene Maria da. Síndrome Congênita do Zika vírus: experiências maternas. **Revista Ártemis**, v. XXX n. 1, p. 438-465, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/53182/32375>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Estudos Feministas**, p. 179-99, jan. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102>. Acesso em: 222 fev. 2021.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **R. Bras. Est. Pop.**, v. 23, n. 2, p. 331-53, jul./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982006000200009>.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CABRERA, Luiz Carlos. Os desafios dos pais e filhos na pandemia. **VOCÊ S/A**. 05 set. 2020. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/carreira/os-desafios-dos-pais-e-maes-na-pandemia/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CARAPEÇOS, Nathália. Mães sob pressão. **Revista Donna. Zero Hora**. 7 e 8 de nov. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/maternidade/noticia/2020/11/sobrecarga->



na-pandemia-apos-perder-o-emprego-maes-buscam-um-recomeco-profissionalckh5alg5v005k0170jxjd6owr.html Acesso em: 19 jan. 2021.

DALIGNA, Maria Cláudia; MEYER, Dagmar; DORNELLES, Priscila; KLEIN, Carin. Gênero, sexualidade e biopolítica: Processos de gestão da vida em políticas contemporâneas de inclusão social. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas/**Education Policy Analysis Archives, v. 27, n. 140, p. 1-26, nov. 2019. DOI: 10.14507/epaa.27.4050.

DERRIDA, Jacques. **Papel-máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2018.

FERREIRA, Nicola. Mães e pandemia: isolamento as deixa mais tristes e estressadas, diz estudo. **Viva Bem UOL**. 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/14/maes-e-pandemia-isolamento-as-deixa-mais-tristes-e-estressadas-diz-estudo.htm>. Acesso em: 12 set. 2020.

FONTOURA, Natália; ARAÚJO, Clara; BARAJAS, Maria de la Paz López *et al.* (Orgs.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-18, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046238077>.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: a dimensão global. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 10 jan. 2021.



HALL, Stuart. **Representation**: cultural representation and signifying practices. London/New Delhi: Sage/Open University, 1997b.

HIRATA, Helena. Divisão, relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **Em Aberto**, ano 15, n. 65, p.39-49, jan./mar. 1995. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.15i65.%25p>.

HIRATA, Helena. Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparada. **Friedrich Ebert Stiftung Brasil**, n. 7, p. 1-23, out. 2015. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p.595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>. Acesso em: 14 dez. 2020.

HOOKS, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019.

IDOETA, Paula Adamo. 'Mães estão no limite': famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena. **BBC News Brasil**, São Paulo. 5 agosto 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53644826>. Acesso em: 19 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Dados sobre População do Brasil**, PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar. Pedagogias da maternidade no âmbito do Primeira Infância Melhor. **Revista Teias**, v. 19, n. 55, p. 211-226, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/33408>. Acesso em: 22 jan. 2021.

KLEIN, Carin. Educação de mulheres-mães pobres para uma “infância melhor”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51, p. 647-660, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300009>.

LOURO, Guacira L. Conhecer, pesquisar escrever. **Educação, Sociedade & Culturas**, Universidade do Porto: Portugal, n. 25, p. 235-245, 2007. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MEIRELES, Marina. Caso Miguel é citado como exemplo de racismo sistêmico na pandemia em relatório de grupo da ONU. **G1 PE**. 30 set. 2020, 19h46, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/09/30/caso-miguel-e-citado-como-exemplo-de-racismo-sistemico-na-pandemia-em-relatorio-de-grupo-da-onu.ghtml>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 09-27.

MEYER, Dagmar Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero, Niterói/RJ: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG)**, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2006.

MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; DAL'IGNA, Maria Cláudia; ALVARENGA, Luiz Fernando. Vulnerabilidade, gênero e políticas sociais: a feminização da inclusão social. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 885-904, set./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300009>.

MEYER, Dagmar; DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin. A politização contemporânea do feminino e da maternidade. como se atualiza uma tese 15 anos depois? **Vozes: Petrópolis/RJ**, 2021. **NO PRELO**.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A ESPACIALIDADE ABERTA E RELACIONAL DO LAR: A ARTE DE CONCILIAR MATERNIDADE, TRABALHO DOMÉSTICO E REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 15, n. 1, p. 154-166, mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>.

ONU. **45ª sessão do Conselho de Direitos Humanos: Relatórios**. 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session45/Pages/ListReports.aspx>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ONU-ÍNDIA. **Gender and Child Budget in India 2020-21**. Government of Oshida. February, 2020. Disponível em: <https://openbudgetsindia.org/dataset/eb2da28b-861b-4d0b-b8ae-6691b6432da5/resource/a160e3ee-6153-4622-8999-8d12af0b20c6/download/child-budget.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ONU-MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta**. ONU-MULHERES Brasil, 2020. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

PARENT IN SCIENCE, 2020. Como a Pandemia de COVID-19 está afetando a vida de cientistas no Brasil? **Informativo Parent in Science COVID-19**. 03 jul. 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true

PERES, Ana Claudia. Elas resistem: Como a pandemia impacta a vida das mulheres brasileiras e de onde vêm as múltiplas formas de resiliência. **RADIS**, n. 213, ENSP - FIOCRUZ, jun. 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/elas-resistem>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PEREZ, Fabiola. Mães na pandemia: 'Sinto pânico só de pensar em ficar doente': Como o coronavírus escancarou a desigualdade social, racial e de gênero e isola mães que lutam contra falta de renda, de rede de apoio e efeitos psicológicos. **Notícias R7**, São Paulo. 26 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/maes-na-pandemia-sinto-panico-so-de-pensar-em-ficar-doente-26062020>. Acesso em: 19 jan. 2021.

REDAÇÃO GALILEU, Mães são as mais impactadas social e psicologicamente pela pandemia. **Galileu**, 2020. 2 jun. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/maes-sao-mais-impactadas-social-e-psicologicamente-pela-pandemia.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

RIBEIRO, Claudia Regina; GOMES, Romeu; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Encontros e desencontros entre a saúde do homem, a promoção da paternidade participativa e a saúde sexual e reprodutiva na atenção básica. **Physis**:



Revista de Saúde Coletiva, v. 27, n. 1, p. 41-60. jan./mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000100003>.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais. Letramento: São Paulo, 2017.

SARAIVA, Maria Laura, Mães cuidam quase 5 vezes mais dos filhos durante home office do que os pais, diz relatório. **Pais e filhos** - UOL. 09 out. 2020. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/familia/maes-cuidam-quase-5-vezes-mais-dos-filhos-durante-home-office-do-que-os-pais-diz-relatorio/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SCHWENGBER; Simone; SILVEIRA, Catharina. Paternidade em deslocamento: O caso do pai amigo e presente. **Revista Entreideias**: educação, cultura e sociedade, n.19, p. 91-101, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5257/4302>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SILVEIRA, Catharina. **Bom senso como prática docente na Educação Infantil**. 2019. 157 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/202377#:text=Defende%2Dse%20que%20o%20uso,produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20rela%C3%A7%C3%B5es%20que%20acabam>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SOUZA, Marina Duarte de. Diante da pandemia, mães se desdobram ainda mais para dar conta de família e trabalho. **Brasil de Fato**. São Paulo (SP). 10 mai. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/diante-da-pandemia-maes-se-desdobram-ainda-mais-para-dar-conta-de-familia-e-trabalho>. Acesso em: 19 jan. 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.



VINAYAL, Anujath Sidhu. Gender and Child Budget in India 2020-21. *In*: PARVATI, Pooja. Promoting women's equal participation in the economy. Country Manager, **IBP Índia** - 21 out. 2020. Disponível em: <https://www.internationalbudget.org/2020/10/promoting-womens-equal-participation-in-the-economy/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

Recebido em 21 de abril de 2021

Aprovado em 15 de julho 2021